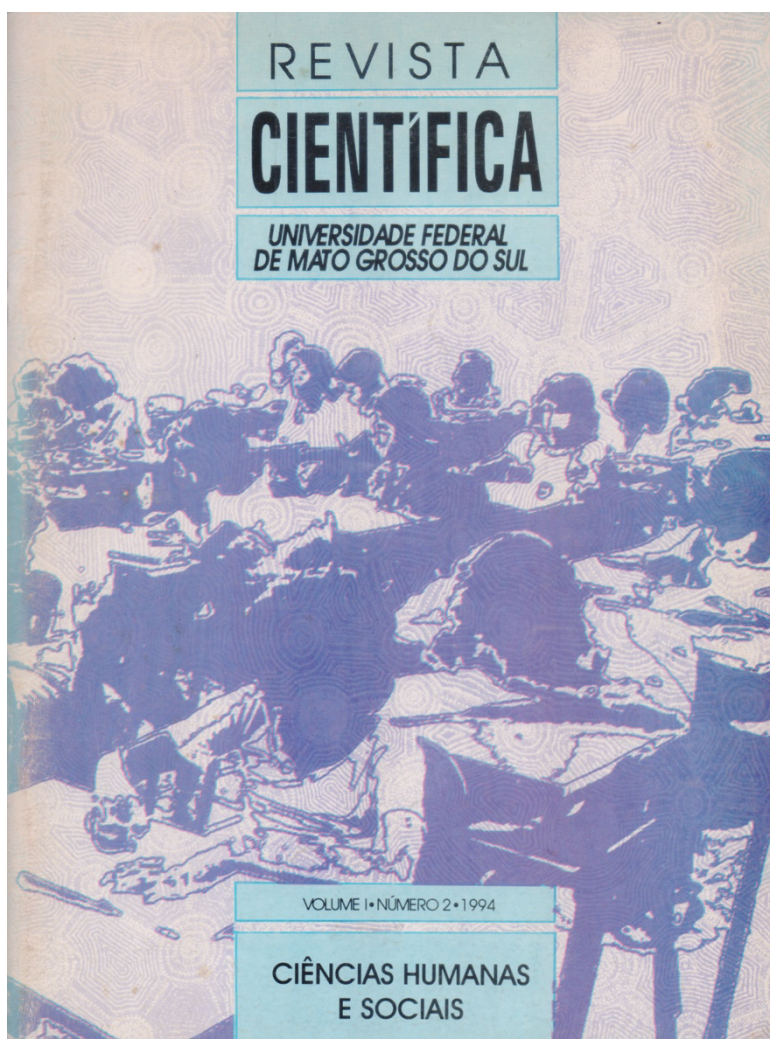


A Educação de um Ponto de Vista Histórico

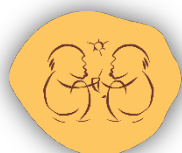


*Pedro de Alcântara Figueira*¹

Artigo científico originalmente publicado *in Científica - Ciências Humanas e Sociais - Revista do Mestrado em Educação/UFMS, Campo Grande, MS: v. 1, n. 2, p. 47-50, 1994.*



Capa da Revista



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

<https://icgilbertoluizalves.com.br>

¹ Doutor em História pela UNESP, campus de Assis. Professor aposentado da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar.

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre a revisão crítica da condenação de Galileu.

Desde já queremos afastar, como insuficiente, a interpretação do confronto entre Galileu e a Santa Inquisição, como se se tratasse de uma oposição entre razão, ou ciência, e fé.

O que este confronto nos ensina é que a ciência é um campo de luta.

A ciência é o saber que se opõe às forças decadentes e, por isso, se identifica com novas relações sociais. Sempre que substituímos esta luta real e histórica pelo confronto entre o bem e o mal, o certo e o errado, nos distanciamos da verdadeira explicação do problema, que consiste em ver o conflito como um choque frontal de duas civilizações diferentes.

Palavras-chave: Galileu, Ciência vs. Fé, Santa Inquisição

The objective of this paper is to make a reflection on the critical review on the condemnation of Galileo.

We wish to deny, as inconsistent, the interpretation of the confrontation between Galileo and the Holy Inquisition, as if it were the opposition between reason, i.e. science, and faith.

What the confrontation teaches us is that science is a battlefield.

Science opposes decadent forces and conforms to new social trends. Whenever we disregard this real and historical struggle in favor of the conflict between good and evil, right and wrong, we move away from the real explanation to the problem which is to behold the conflict as a head-on-attack of two different civilizations.

Key-words: Galileo, Science vs. Faith, Holy Inquisition

Considerações Sobre o Processo Contra Galileu

Pedro de Alcantara Figueira

Professor Visitante da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

A

recente publicação em português dos Documentos do Processo de Galileu Galilei (Editora Vozes, 1994) é um empreendimento de uma significação histórica relevante. Os pesquisadores e os apaixonados pelo assunto encontrarão nela um material valioso para o aprofundamento do conhecimento de um momento histórico em que a tomada de partido contra ou a favor de Galileu era uma questão vital para a humanidade.

Não acreditamos que os documentos nela arrolados tragam nova luz à elucidação do confronto entre Galileu e a Igreja. O que já se sabia a respeito supera em boa medida as informações contidas nessa documentação. A matéria que ela encerra provoca, no entanto, muita reflexão e uma variada gama de indagações.

Gostaríamos, em primeiro lugar, de fazer uma referência à iniciativa deveras louvável da própria Igreja de tornar públicos documentos que contém matéria tão melindrosa como essa, capaz, ainda hoje, de provocar suspeitas com relação à autoridade moral daquela instituição. A verdade, é que, passados mais de três séculos e meio desde o silêncio imposto pela Igreja a Galileu, esses documentos perderam boa parte da sua significação. Eles causam ainda menos impacto porque não revelam nada de essencial ou de grave que não fosse do conhecimento público já desde a época em que Galileu teve de abjurar sua concepção sob a ameaça de passar pela crítica abrasadora que a Inquisição submetia os acusados de heresia.

A esta altura da história parece não valer mais a pena discutir a questão que pôs frente a frente duas concepções astronômicas. Galileu, derrotado pela Igreja romana, saiu vencedor. Aquilo que quase lhe custou a vida, ou seja, a concepção de que o sol era imóvel e estava no centro do mundo e de que a Terra era móvel e girava em torno do Sol, isso não constitui mais perigo para a existência de qualquer instituição religiosa ou política. Mas a verdade é que no momento em que Galileu passou a defender aquela concepção, a Instituição mais poderosa de grande parte do Ocidente europeu se sentiu ameaçada.

As pessoas costumam pensar que a Igreja cometeu um grave erro no caso de Galileu. A publicação dos documentos referentes ao processo de Galileu Galilei está, em boa medida, informada por essa atitude. Os motivos da divulgação desses documentos se prendem, de certo modo, a uma posição crítica ao que então ocorreu. A Igreja quer se redimir, creio eu, do erro que cometeu, é esse o ponto que gostaríamos de discutir.

Em primeiro lugar, pensamos que a Igreja atual não é inteiramente sincera quanto pretende se retratar daquele acontecimento que envolveu Galileu e a Inquisição. Ela não pode, na verdade, considerar que a Igreja de então estivesse inteiramente errada quando procedeu no caso daquele enfrentamento como autoridade que formava e cuidava das consciências dos indivíduos. Temos que confessar que concordamos, de certo modo, com essa posição.

Não há dúvida de que, desde sempre, o planeta Terra gira em redor do Sol. Não há dúvida, também, que essa verdade não fez nenhuma falta à humanidade até o momento em que Copérnico a revelou. Feita essa revelação, tornou-se impraticável para a humanidade viver sem a verdade que ela encerrava. Houve, portanto, uma humanidade que podia, por assim dizer, viver perfeitamente sem saber que a Terra girava em torno do Sol. Houve, no entanto, uma outra humanidade que não podia dispensar aquela revelação.

Parece-me que todo o segredo desse intrincado problema se encontra precisamente na descoberta das diferenças que existem entre uma e outra humanidade.

Desde já queremos afastar, como insuficiente, a interpretação do confronto entre Galileu e a Santa Inquisição como se tratasse de uma oposição entre razão, ou ciência, e fé. Não houve época nem nação que mais tenha vivido sob o império da ciência e da razão do que aquelas em que dominou o pensamento de Aristóteles. Nem por isso, a Grécia de Aristóteles teve a necessidade de fazer com que a Terra girasse em torno do Sol. A razão e a ciência tinham, então, como fundamento uma humanidade que não cogitava de tal questão porque o movimento da Terra lhe era indiferente. Desde já esclarecemos que não ocorre pensar que Aristóteles não podia descobrir o movimento da Terra porque ele não dispunha de luneta. É preciso saber, antes disso, porque não havia lunetas na época de Aristóteles. Não havia lunetas, é o que pensamos, porque a humanidade da época de Aristóteles não precisava de pôr a Terra a girar em torno do Sol. Se essa necessidade tivesse, então, sido criada, por certo que lunetas teriam sido produzidas.

A esta altura do encaminhamento que estamos dando ao entendimento da questão das descobertas de Galileu, talvez seja necessário deixar claro que não fazemos coro com a concepção evolucionista que tem se imposto como interpretação nesta esfera do conhecimento que se convencionou chamar de "história da ciência".

Nós entendemos que a ciência tem história não porque o que vem depois dependa do que vem antes. Neste caso, em particular, o que vem antes, ou seja, a concepção ptolomaica, não foi senão um empecilho ao que veio depois. Esta é uma época, a de Galileu, em que o "saber dos antigos" passou por uma crítica radical e impiedosa. Era raro, então, afirmar-se qualquer coisa sem que se fizesse algum tipo de referência aos "erros" de Aristóteles.

A ciência, é o que essa época nos ensina, é um campo de luta. Nenhum cientista chegou à ciência sem ter tomado partido, não raro com risco da própria vida ou de uma situação cômoda na sociedade, pela humanidade contra forças que procuravam arrastar a sociedade para uma posição passiva e fatalista. Enquanto posição de luta, a ciência é o saber que se opõe às forças decadentes e, por isso, se identifica com novas relações sociais. Foi assim com Aristóteles, com Copérnico, com Galileu, com Descartes, com Bacon e com Diderot. Penso, inclusive, que os cânones de uma ciência se dispõem ou se ordenam, antes, como forma de organização da luta contra os empecilhos que essa mesma ciência tem que superar, do que propriamente como resultado de uma qualquer combinação ou construção bem sucedida de palavras ou idéias. A que necessidade corresponde, por exemplo, o Discurso do Método de Descartes senão a de pôr o pensamento numa ordem que não tenha mais como suposto o deus da Igreja católica?

Eu acredito que se nós pomos a tônica da guerra que se travou, entre Galileu Galilei e a Igreja na oposição entre uma concepção racional, verdadeira e uma concepção falsa, nós estamos nos distanciando da verdadeira explicação do problema. Acreditamos que é muito cômodo para a Igreja reconhecer, agora, o "erro" então cometido e se retratar publicamente dos seus atos cometidos contra Galileu. A maior complicação para a Igreja atual seria reconhecer que a Igreja de então estava certa quando defendia que a Terra estava imóvel, era o centro do mundo e que era o Sol que girava em torno dela. Para poder aceitar essa interpretação, os divulgadores dos documentos do processo contra Galileu teriam que entender que a disputa pelo movimento ou não da Terra era um dos modos como duas civilizações diferentes entraram em choque frontal de vida ou morte. Caso abandonasse a concepção da fixidez da Terra, a Igreja abriria mão dos fundamentos sociais que lhe davam existência e sustentação. Ela abriria mão, se assim procedesse, da sua razão de ser. A sua concepção sobre a Terra não era algo alheio à sua constituição enquanto Igreja. Não se tratava de duas coisas separadas, pois a sociedade no seio da qual se constituiu a Igreja católica é a mesma cuja existência não dependia que a Terra estivesse em movimento. Quando Galileu e a Igreja entram em choque,

ambos estão com a verdade, mas a verdade de um não pode conviver com a verdade da outra. Elas se excluem porque a nova sociedade que surge precisa eliminar a velha sociedade para poder existir. Não fosse esse confronto entre duas civilizações, e não teria havido razão para a Igreja agir como agiu. O "erro" da Igreja teria convivido perfeitamente com a verdade astronômica de Copérnico e de Galileu. No entanto, não há como conciliar.

Se a ciência fosse apenas o "conhecimento correto", como querem alguns, não seriam graves as consequências se Galileu a tivesse guardado como coisas suas. Galileu tem que divulgá-las, e é necessário que se dê o choque com a Igreja simplesmente porque é isso que a torna ciência. A descoberta do movimento da Terra é um feito científico porque ela corresponde às necessidades da nova sociedade. É esta, em última instância, que põe a Terra a girar em torno do Sol, naquele momento, por mais que verdadeiramente a Terra estivesse a girar em torno do Sol desde o momento em que se constituiu o nosso sistema solar. Nesse último sentido, o movimento da Terra nada tem a ver com Copérnico, Galileu, ou com os homens de qualquer época. Mas não é disso que estamos tratando. Esse assunto existe porque existem os homens, e só na medida em que os astros são postos numa relação com os homens é que importa saber isto ou aquilo a seu respeito. Importa saber que a relação que os homens estabelecem com os astros depende antes do modo como os próprios homens estão organizados.

A época de Galileu, Descartes e Bacon precisava de pôr em circulação muitas das coisas que a Teologia mandara parar. O processo civilizatório que se fez sob o comando dos teólogos, ou seja, dar uma sociedade política aos bárbaros, inocular a sociedade de classes em hordas guerreiras e nômades, era uma tarefa que só poderia sair da razão. Além dessa, não se podia contar com qualquer grande apoio material significativo para se reconstituir a civilização que desaparecera com a queda do Império Romano.

A Teologia só perdeu a razão quando a sociedade que lhe deu substância começou a se desfazer. Nesse momento, a Teologia se converteu em força conservadora e retrógada. Ela não conseguia mais segurar o mundo com base na pura razão, ou seja, em deus. Outros elementos, novas combinações sociais vão tomando o lugar das velhas classes feudais. Uma nova razão começa a despontar. O novo mundo não pode confiar apenas no uso da razão. Por isso é que a Teologia se torna insuficiente. A experiência passará a dizer o que é que a razão deverá pensar. Se a razão diz que a chamada zona tórrida é inabitável, façamos a experiência para saber se tal afirmação é verdadeira. Se a razão diz que a Terra é quadrada e que, por isso, não se pode arriscar navegar para muito distante das costas, as caravelas impõem que se arrisque e que se experimente. Nenhuma época é irracional, apesar do que pensam os iluministas, mesmo porque cada época cultiva a razão que ela mesma se deu. A verdade é que a razão de uma dada época não serve para uma outra época histórica. Nenhuma época é mais racional do que qualquer outra. Tudo o que a história nos permite afirmar é que cada época histórica tem a sua própria razão.

Outro mito muito amplamente difundido é aquele que afirma que Galileu estava certo e a Teologia, errada, pois os "fatos" provam que verdadeiramente a Terra está em movimento e gira em torno do Sol. Este mito, o da realidade objetiva, transfere para a Natureza o pomo da discórdia, com o que se anula totalmente o ponto de partida de tudo, ou seja, a sociedade humana. Argumentar, também, que o "tempo" acabou dando razão à realidade objetiva, é esquecer que durante dez séculos o mesmo "tempo" deu razão à Teologia.

Para concluir, gostaríamos de reafirmar a tese que procuramos expor brevemente aqui: a transformação histórica que deu início à época moderna foi a potência que tirou a Terra da imobilidade em que ela se encontrava. Para nós, o movimento da Terra não é senão uma certa combinação social fundamentalmente diferente daquela que a tornou imóvel.